

## **A História de Shirin**

### **- Uma Adulta Hiperléxica Partilha Suas Experiências e Conselhos**

*Shirin de Silva*

*Tradução: Pedro Paulo Guimarães Teixeira (ppgt@pla.com.br)*

Eu mesma fui hiperléxica quando criança e tinha uma linguagem oral pobre, tanto receptiva quanto expressiva, combinada com uma excepcional habilidade para leitura e técnicas de linguagem escrita, bem como uma audição requintadamente sensível. Esta disfunção não é CAPD e não reage a certas técnicas CAPD tal como Fast Forward (Eu tenho uma filha adotiva de sete anos que tem, de fato, CAPD e realmente fez o Fast Forward, e, enquanto eu me saía muito bem no teste STAR, no qual ela falhava miseravelmente, ela se saía melhor do que eu nos jogos auditivos mais básicos.). É uma disfunção no aprendizado da linguagem.

Eu acho que crianças assim precisam aprender a linguagem através da leitura e da escrita, já que tendem a ter uma memória auditiva muito curta para aprender a linguagem através da audição e da conversação. Elas precisam ler muito e constantemente e deveriam ser ensinadas a visualizar aquilo que estão lendo, bem como parar periodicamente e resumir o que leram. Elas precisam escrever MUITO mais do que outras crianças, já que escrever é para elas o que conversar é para a maioria. Histórias em quadrinhos europeus como "Tintin", "Snowy" e a série "Asterix" são ÓTIMOS para aprender como visualizar e qualquer criança orientada visualmente irá adorá-los. Verifique a lista de livrarias para este tipo de revistas.

As crianças também precisam ser ensinadas a desenvolver estratégias para memorizar com suas deficiências. Por exemplo, quando ouço alguém, eu tomo nota do que diz mentalmente em um quadro negro dentro da minha mente. Então leio o que tenho mentalmente escrito, e, então posso dar-lhes uma resposta. Isto evita que eu tenha que contar com minha memória auditiva extremamente pobre. Lições de teatro são úteis e um modo divertido de para ensinar a crianças como seu filho e eu as sutilezas das entrelinhas sociais que lhes faltariam de outro modo.

A terapia da linguagem focalizada na categorização e organização da linguagem é muito útil. Técnicas críticas e abstratas podem e deveriam ser diretamente ensinadas. Eu finalmente me virei para aprender como criticar a literatura reinterpretando os textos fixados como equações matemáticas (Minha lógica veio assim: suponhamos que nós assumimos que o livro é uma equação e os caracteres e objetos são variáveis que representam idéias. Associando livremente, há três vulcões em Le Petit Prince. O que mais vai em três? A Santíssima Trindade? Talvez não. Os Três Destinos? Uma idéia interessante, mas então porque um vulcão estaria morto? Eu não consigo entender. Os Três Patetas? Improvável. As Três Virtudes: Fé, Esperança e Caridade? Hmm. Então, dado que um dos vulcões está extinto, isso significaria que uma das virtudes do Pequeno Príncipe estava morta. Fé... Ah, sim... Eu posso ver que sua Fé estava morta. Nesse caso, eu posso dizer que o Pequeno Príncipe é todos os homens? Sim, isso funciona. Então essa equação é algum tipo de exploração da Fé de todos os homens? Bom, eu estou conseguindo alguma coisa.). Eu era considerada uma pensadora muito criativa e abstrata quando saí da faculdade, mas, francamente, um programa de computador poderia ter escrito minhas coisas ao invés disso.

A propósito, isto pode estimulá-la a pensar que eu me saí muito bem. Embora eu tenha estado muito perdida nos primeiros anos da escola, comecei a compensar mais ou menos na quinta série. Fui considerada educável, mentalmente retardada no jardim de infância. Meu teste de Q.I. deu 101 na terceira série - que eu repeti - 132 no segundo ano do segundo grau e finalmente se estabilizou em 150 na escola de medicina. Q.I. é extremamente dependente da habilidade verbal. Agora eu sou uma médica americana de sucesso, especializada em medicina ocupacional e treinada em engenharia de segurança e higiene industrial. Este suporte altamente técnico me permite passar menos tempo conversando com as pessoas (uma área de fraqueza) e mais tempo lidando com idéias escritas e conceitos matemáticos, ambos o meu forte.

### **Shirin dá prosseguimento a esta maravilhosa carta com uma segunda, partilhando novos insights sobre hiperlexia:**

Em primeiro lugar, eu acho que não há nenhuma técnica social que não possa ser aprendida a partir da palavra escrita, se ela é "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas": a arte de contar piadas (Textos dirigidos a comediantes explicam isso muito bem.); a arte de projetar empatia (Livros dirigidos a vendedores e psiquiatras explicam isso.); ou a arte de gerenciar pessoas. Similarmente, mesmo que eu ainda tenha uma péssima habilidade para "ler" as pessoas, eu não tenho tido problemas por mais de uma década. É por isso que eu agora passo as coisas por escrito automaticamente antes de fazer compromissos, e tenho excelente habilidade para determinar se algo que está escrito tem a probabilidade de estar resolvido. Eu acho que a maioria dos hiperlêxicos deveriam ser capazes de compensar suficientemente, se elas pensassem em sua força literária como sendo seu meio primário de comunicação, ao invés de pensarem em sua habilidade para ler apenas como algum tipo de técnica acessória.

Em segundo lugar, pode não ocorrer a você ensinar a seu filho a leitura dinâmica (afinal, ler é seu forte!). De qualquer modo, meu curso de leitura dinâmica foi muito útil para mim. É por isso que, quando falo, vejo as palavras passarem através de minha tela mental enquanto as digo. Ter a capacidade de ler rapidamente me proporcionou falar rapidamente e naturalmente, e ainda ter capacidade mental suficiente para fazê-lo com "expressão" verbal e facial (Eu traduzo a palavra impressa para a voz quando falo, tal como uma pessoa cuja primeira língua fosse o espanhol poderia traduzir pensamentos em espanhol para palavras em inglês.).

Em terceiro lugar, você pode se preocupar com a questão do contato visual. Fazer contato visual é um importante gesto social nos Estados Unidos e a maioria das pessoas parece acreditar que um constante olhar fixo reflete honestidade e boa fé. Quando criança, eu descobri que muitas pessoas achavam minha falta de contato visual desencorajadora e eu era freqüentemente admoestada por meus professores a olhar para eles enquanto falavam. De qualquer modo, eu descobri que, quando olho as pessoas diretamente nos olhos, começo a focalizar em seu movimento. Quando uso a memória visual como um auxílio para a memória auditiva, essa focalização dificulta a minha concentração auditiva, tornando muito difícil para mim entender o que a pessoa está dizendo (...sobretudo se o assunto é complexo; eu não tenho dificuldade de manter o contato visual quando canto uma canção de ninar para minha filha, ou brinco com um bebê). Na juventude, quando eu respeitosamente tentava fazer contato visual, surpreendia meu olhar fixo se desviando para o lado, enquanto eu fazia malabarismos com a compreensão e as entrelinhas sociais. Isso tendia a ofender o interlocutor que

freqüentemente me interpretava mal, como se fosse sinal de mau caráter, ou falta de interesse, ou ambos. As coisas "iam por água abaixo", a partir daí. Ainda não posso me concentrar no discurso complexo de alguém e manter um contato visual "real" ao mesmo tempo. O que eu faço, ao invés disso, é o seguinte:

Se estou conversando com outra pessoa e estou separada dela por uma distância social comum (60-90 centímetros), não faço qualquer tentativa de olhá-la nos olhos. Ao invés, eu olho para o espaço bem entre seus olhos e um pouco abaixo deles (Quase ninguém pode perceber que eu NÃO os estou olhando nos olhos sob estas circunstâncias.). Desde que esse espaço não se mova, posso manter meus olhos fixos constantemente, convencendo o dono dos outros olhos de minhas boas intenções e ainda compreendendo o que quer que esteja sendo dito. Se estou conversando a uma distância menor com alguém que não seja meu amigo a ponto de eu poder falar sobre minha incapacidade - um colega, e temos nossas cabeças juntas sobre um raio-X, por exemplo - eu olho mais para a coisa do que para a pessoa, ou olho para o vazio (com o ar de quem está pensando profundamente). Eu NÃO olho diretamente para a pessoa, a menos que eu possa dar um passo atrás e tomar uma distância social e usar a primeira técnica, ou a menos que a conversação se torne suficientemente simples - uma piada talvez - de modo a me permitir fazer contato visual real sem prejudicar a compreensão.

A propósito, o tempo de processamento auditivo da minha filha no teste STAR veio de 450 ms (menos que um por cento) para 10 ms (nível normal) depois do Fast Forward. Embora ela ainda tenha um expressivo problema de linguagem (em resolução), não tem mais CAPD.

